

TÂNIA ALEXANDRE MARTINELLI

Ilustrações

MOZART COUTO

COM O  
CORAÇÃO  
DO OUTRO LADO  
DO MUNDO



4ª edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora  
Saraiva**

Copyright © Tânia Alexandre Martinelli, 2002

---

*Editor:* ROGÉRIO GASTALDO

*Assistente editorial:* ELAINE CRISTINA DEL NERO

*Secretária editorial:* ROSILAINE REIS DA SILVA

*Preparação de texto:* VALÉRIA FRANCO JACINTHO

*Suplemento de trabalho:* ROSANE PAMPLONA

*Coordenação de revisão:* LIVIA MARIA GIORGIO

*Gerência de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

*Supervisão de arte:* VAGNER CASTRO DOS SANTOS

*Projeto gráfico e diagramação:* ROSANGELA C. LIMA

*Produtor gráfico:* ROGÉRIO STRELICIUC

*Impressão e acabamento:*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Martinelli, Tânia Alexandre

Com o coração do outro lado do mundo / Tânia Alexandre Martinelli ; [ilustrações de Mozart Couto]. — 4. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Coleção jabuti)

ISBN 978-85-02-07949-6

1. Literatura infantojuvenil I. Couto, Mozart. II. Título. III. Série.

01-5855

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

9ª tiragem, 2017

CL 810021

CAE 571326



---

Direitos reservados à

SARAIVA Educação Ltda.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

Tel.: (0XX11) 4003-3061

---

*Para Joelma Martinelli e Deise Carli.  
Para Kunie, cujos filhos estão lá  
do outro lado do mundo.*



## A SURPRESA

Parecia ser um dia como outro qualquer. Parecia sim, mas algo estava errado.

Era dia de jogar vôlei na rua. Até aí, sem novidade, pois todo dia era dia de jogar vôlei na rua. A garotada chegava da escola, almoçava, fazia lição e já se mandava. Que ver televisão, o quê! Isso, só se fosse mais tarde. Para eles, não tinha nada mais gostoso do que, depois do jogo, sentar à beira da calçada e bater papo horas e horas.

E assim havia sido durante muito tempo.

Naquela tarde, porém, todos perceberam que havia algo errado, pois Laís não aparecera como de costume.

E foi por isso que, depois de ficar certo tempo brincando, conversando e resmungando por causa da quantidade de lição de Matemática que a professora havia passado, a turminha resolveu ir até a casa dela.

Laís estava na sala, assistindo à tevê, com os olhos vermelhos e inchados. A tela mudava a todo instante, mas era muito provável que a garota não estivesse vendo nada do que se passava.

— Laís! Ô, Laís! Vem cá!

Laís ergueu a cabeça e prestou atenção nas vozes que vinham lá de fora. O corpo continuou estático, largado no sofá.

— Laís!

Com muito custo, levantou-se lentamente para atender ao chamado de seus amigos ao portão.

Abriu a porta da sala, encostou sua cabeça no batente e ficou aguardando, imóvel e de braços cruzados, o pessoal dizer o que queria.

Como viu que Laís não arredava o pé do lugar, Heloísa chamou outra vez:

— Vem cá, Laís!

Não disse que não. Deu um suspiro e foi indo tão devagarinho, contando os passos. Parecia mais que alguém a empurrava para fazer uma coisa que não queria.

— Credo! Que cara! — observou Fernando.

— É... Não veio jogar vôlei com a gente, por quê? — quis saber Heloísa.

Laís continuava calada. A turma ficou em silêncio aguardando sua resposta.

Fernando, Vítor, Heloísa, Luciana e Laís tinham praticamente a mesma idade. Só Vítor é que fazia aniversário primeiro que todo mundo. Em setembro ia fazer catorze anos. Os outros, só no ano seguinte.

Todos estavam na mesma classe, na sétima série, e eram muito amigos. Mas, naquele dia, Laís não queria saber de muita conversa com nenhum desses amigos. Queria ficar sozinha, com seu pensamento. Não tinha certeza se gostaria de dividir o que estava sentindo com quem quer que fosse.

Os quatro ficaram sérios, esperando Laís falar. Estava difícil.

— O que foi, Laís? Tirou zero na prova e por isso a sua mãe te deixou de castigo? — especulou Luciana.

— Não — finalmente ela havia resolvido falar. Depois de uma outra longa pausa, Laís continuou: — Não é nada com a escola, não.

— Então o que é? — perguntou Fernando.

— Fala, Laís — pediu Vítor.

Os olhos de Laís ficaram ainda mais vermelhos, e podia-se perceber que estavam se enchendo de lágrimas outra vez, quase a ponto de transbordar toda a tristeza.

Heloísa ficou ainda mais preocupada:

— Nossa, Laís! Conta pra gente, vai! Somos seus melhores amigos!

Laís pensou que talvez Heloísa estivesse com a razão e fosse mesmo bom poder desabafar com alguém. Afinal, eram os seus melhores amigos.

— É que... os meus pais, sabe... — começou devagarinho.

— O que é que tem, Laís? — perguntou Luciana.

— Eles vão se separar...

— Separar? Poxa! Isso é muito triste mesmo! — falou Luciana, mal dando tempo de Laís terminar a frase.

Laís fechou os olhos por um instante e apertou os lábios. Respirou fundo; porém, antes que pudesse falar qualquer coisa, Heloísa se aproximou mais da amiga, abraçou o seu ombro e lhe disse:

— Olha, Laís, eu já passei por isso e sobrevivi. Você sabe, meus pais se separaram faz cinco anos. Eu só tinha oito aninhos! Mas, veja, estou aqui!

— Heloísa fez um gesto, apontando para si mesma.

— É, Laís — Fernando também havia resolvido dar o seu apoio. — Eu também já passei por essa situação. Há muito mais tempo que a Helô. Eu só tinha dois anos quando tudo aconteceu. E posso garantir que não morri por causa disso. Tudo bem que é legal ter os pais morando juntos, mas não é nenhum fim de mundo ser criado só pela mãe. Vai por mim!

— Eu não posso falar nada, tenho pai e mãe vivendo comigo... — disse Vítor —, mas, de qualquer forma, imagino o quanto você deve estar sofrendo. Eu sinto muito, Laís.

Laís balançou a cabeça negativamente.

— Não, vocês não estão entendendo... — ela falou em meio aos soluços — Eles vão se separar sim, mas vão se separar de mim!

— Hã?! — disseram quase em coro.





## NINGUÉM ENTENDEU NADA

— Como é que é, Laís? — perguntou Heloísa, soltando os braços do ombro da amiga e encarando-a de frente. — Explique essa história direito.

— Eles vão se separar de mim porque vão embora para o Japão na semana que vem! Vão ficar lá dois anos, e eu vou ter que ficar aqui!

— Meu Deus! Mas você vai ficar aqui com quem? — perguntou Luciana, aflita.

— Com os meus avós.

— E o que eles vão fazer lá no Japão?

— Vão trabalhar, Helô. Trabalhar pra ganhar *bastante* dinheiro.

— Mas por que no Japão? Precisava ser tão longe?

— Você se esqueceu de que o meu pai é filho de japoneses, Fernando?

— Ah é! — ele se lembrou.

— Sabe, Laís, você não tem traços de japonesa, por isso a gente quase nem se lembra de que você tem vô e vó vindos do Japão — disse Luciana, a amiga mais tímida que Laís tinha, bem ao contrário de Heloísa.

Laís havia puxado mais o lado da mãe, que era descendente de italianos. Ela tinha os cabelos castanhos compridos e os olhos da mesma cor. Uns olhos redondos e pequenininhos. Laís era muito bonita.

— A gente se esquece mesmo de que você é descendente de japoneses, Laís. Você não tem os olhos puxados como o seu pai — falou Heloísa.

Laís não disse nenhuma palavra sobre o comentário. Novamente ficaram em silêncio.

— E você não pode ir junto? — perguntou Fernando, retomando o assunto da viagem dos pais.

— Não — ela respondeu. — Meus pais disseram que eles têm que ir sozinhos pra poderem trabalhar bastante. Que droga! Por que têm que trabalhar *bastante*, por que têm que ganhar *bastante* dinheiro? Por quê? Por quê?

— Também não acho justo!

— Fica quieta, Heloísa! — repreendeu Fernando. — Não dá palpite que esse assunto não é seu!

— Mas é verdade! Ninguém perguntou pra Laís se ela está contente com essa situação, ora essa!

— Helô, agora não é hora para os seus discursos — falou Fernando outra vez, para tentar fazer a amiga perceber que a situação era muito mais delicada que no caso de um simples probleminha na escola por causa de algum trabalho ou algum ponto no jogo de vôlei não dado pelo juiz.

— Sabe o que eu acho? — resolveu falar Luciana. — Isso é coisa que a Laís tem que resolver com os pais dela. Já chega o quanto ela está sofrendo. Melhor mesmo não ficar falando...

— Também acho — concordou Vítor. — A Laís está triste pra caramba, e vocês ainda ficam aí discutindo? Poxa, Laís! — Vítor segurou a mão da amiga sem querer, mas logo soltou, quando percebeu o que havia feito. — Se a gente puder fazer alguma coisa...

Laís deu um sorriso.

— Vocês são muito bacanas, mas não tem nada que possam fazer pra me ajudar, não. Eu mesma já cansei de falar com eles. Chorei a tarde inteira, desde a hora que me contaram. Mas já está tudo certo. Eles vão mesmo para o Japão e vão voltar só daqui a dois anos.

— Tanta coisa pode acontecer em dois anos... E os pais longe! — Heloísa recebeu uma cotovelada de Fernando assim que acabou de dizer essas palavras. Ela entendeu o recado.

— Desculpe, Laís. Não quero te deixar pior ainda.

— Tudo bem, Helô, já disse. — Depois de uma pausa, continuou: — Melhor eu entrar agora. Tenho que ir à casa da minha avó daqui a pouco.

— Tá legal. Olha, Laís, se precisar de alguma coisa, qualquer coisa... — ofereceu Heloísa.

— Tá certo — disse, e foi andando sem olhar para trás, dando uns passos lentos, como se o seu corpo estivesse cansado demais para ir a qualquer lugar.

Só Vítor ficou olhando, olhando... Seu coração havia ficado pequeno de repente. Uma tristeza grande começou a tomar conta dele. Era como se fossem os seus próprios pais que estivessem prestes a viajar, e não os de Laís.

Sentia vontade de chamar Laís de volta, de ficar com ela. Também não sabia para quê. Mas parecia que algo dentro dele estava diferente naquela hora, algo que ele nunca havia sentido. Só ainda não sabia direito o que era.

